

«Confesso que tenho sido cego como uma toupeira,
mas mais vale aprender tardiamente a ser sábio
do que nunca aprender sequer.»

— SIR ARTHUR CONAN DOYLE,
O HOMEM DO LÁBIO TORCIDO

1

Quando Harry White olhou para trás, muitos anos decorridos, calculou que devesse quase todas as suas incríveis aventuras à mais improvável das pessoas — um tal de Sr. Simeon Pemberton, diretor-adjunto (Londres e Middlesex) da Sociedade de Construção Abbey Road na Baker Street, em Londres. Se ele não houvesse estabelecido com ela uma ligação completamente inapropriada, já para não dizer absolutamente desadequada a nível profissional, enquanto ela desempenhava as funções de sua secretária pessoal, Harry poderia nunca ter lido a carta que a lançou num caminho entusiasmante, mas perigoso, que moldaria o resto da sua vida. É evidente que o Sr. Pemberton não fazia a mínima ideia de como a sua vingança mesquinha a afetaria. Ele pretendia apenas seduzi-la, sem qualquer cuidado com os sentimentos dela, ou com os da sua pobre mulher, e a sua indignação incrível quando ela rechaçou os avanços passou a malícia e levou-o a exercer o único castigo possível.

— Lamento, mas houve uma reorganização no departamento, menina White — referiu ele, com lábios finos sem sorrir sob o bigodinho que Harry sabia dar-lhe imenso trabalho a cuidar todas as manhãs. Os olhos papudos cintilaram com um ressentimento não assumido enquanto a observava sobre a ampla escrivaninha de mogno. — Face a isso, os seus serviços já não são necessários.

Ela fitou-o fixamente, com a indignação e o choque a ameaçarem momentaneamente o seu autocontrolo impecável. Ele não podia dispensá-la — sempre fora uma funcionária exemplar e, por certo, um despedimento súbito levantaria suspeitas noutros departamentos do banco, levando a um desconforto que, estava ela certa, ele preferiria evitar. E apesar de ter a certeza de que o Sr. Pemberton não fazia ideia do verdadeiro estatuto dela, ou até das ligações familiares, terá reparado que não era exatamente como as outras jovens que trabalhavam para a Sociedade de Construção Abbey Road; a par de um ar de competência discreta, ela transmitia uma autoconfiança elegante que deixava entrever uma certa dureza sob as suas feições de boneca de porcelana. Terá até sido isso a despertar primeiro o interesse dele, o que lhe deu agora um certo conforto. Não, entendeu ela enquanto ia domando a batida acelerada do coração, ele não podia estar a querer despedi-la.

Alisando o padrão em espinha da sua macia saia de lã, Harry cruzou as mãos no colo e refugiou-se num ar friamente educado.

— Entendo.

— Felizmente, logrei encontrar um posto vago noutro departamento — prosseguiu o Sr. Pemberton. — Um papel singelo que não exige conhecimentos de negócios bancários. Acredito que se adequará na perfeição às suas capacidades. É suposto começar esta manhã... de imediato, na verdade.

Mal eram nove horas. Ele nem sequer lhe permitira retirar o chapéu antes de a chamar ao seu gabinete, quanto mais pegar em algum trabalho que tivesse deixado por concluir na véspera.

— Entendo — voltou ela a dizer. — Há uma série de tarefas que devo concluir...

— Imediatamente, menina White — interrompeu ele bruscamente. — Ou seja, já, dado que parece não ter a certeza. O trabalho que deixou por fazer pode ser concluído por quem a substituir. Essa pessoa também enviará quaisquer objetos pessoais ou sobras para o seu novo departamento.

Um vislumbre de triunfo bailou nas feições rechonchudas dele e Harry percebeu que a desafiava a morder o isco, para lhe dar uma

ração para fazer o que claramente tanto almejava. Sentiu-se quase tentada — afinal de contas, nem precisava de trabalhar —, mas nem por sombras ia dar-lhe esse gostinho. Na sua família orgulhavam-se da sua graciosidade face aos maus modos; o mote da sua família era *SUIS STAR VIRBUS* — *Ele mantém-se fiel aos seus valores* — e ela não tinha a intenção de permitir que aquele odioso homem nojento percebesse que a abalara. De qualquer modo, não tinha muitas coisas na sua escrivaninha, quiçá um lírio-da-paz e alguns requintados biscoitos *Fortnum and Mason* e um velho par de luvas de couro sem as quais sobreviveria.

Forçando-se a um leve sorriso, Harry ergueu-se.

— Naturalmente, Sr. Pemberton. Se me indicar o devido departamento, apresento-me lá de imediato.

A segura da resposta dele em nada disfarçou o seu evidente prazer.

— É a sala do correio — indicou ele, empurrando um envelope branco sob a superfície envernizada da escrivaninha até parar ao alcance dela. — Vai dar com ela na cave. Pergunte pelo Babbage; ele indica-lhe onde é suposto trabalhar.

Era outro insulto, calculado para gerar uma reação. A sala do correio desempenhava um papel vital no movimento quotidiano de qualquer instituição bancária, mas não era lugar para uma mulher de educação e modos refinados. Harry não duvidou que o Sr. Pemberton contasse que ela lançasse as mãos ao ar enfurecida e assustada.

— Com certeza — disse ela, pegando na carta com dedos firmes. — Obrigada.

Dando a volta, atravessou o escritório com paredes em madeira, fazendo soar os tacões a bater no chão de parquet. Simeon Pemberton deixou que chegasse à porta antes de voltar a falar.

— Só mais uma questão, menina White. Pode dar-se o caso de os seus novos colegas terem a tendência para mexericos e conversinhas sobre outros departamentos do banco, mas gostaria de lhe recordar que tudo o que se passa entre estas paredes é estritamente confidencial.

Era possível que se referisse a informação interna sobre quem poderia estar com o pagamento de um empréstimo em falta ou a subir uma

hipoteca, mas Harry nunca partilharia tais pormenores e, além disso, não imaginava que houvesse muito interesse nisso por parte do pessoal do correio. Não, Pemberton referia-se aos seus olhares lascivos e esforços desajeitados para a seduzir, pensou ela. Ele não queria segredinhos desse calibre a espalharem-se pelo reluzente novo edifício, muito menos a enfática recusa dela aos avanços. Ela parou à porta e enfrentou a carranca dele com um descontraído erguer de sobranceira.

— Entendido, Sr. Pemberton. Pode ter a certeza de que permanecerei profissional como sempre.

De cabeça bem erguida, fechou a porta e partiu em busca do seu novo gabinete.

* * *

Nem a magnífica escadaria de mármore no átrio de entrada, nem o elevador de rebordos dourados ao lado davam acesso à sala do correio. Para alcançar a cave, Harry teve de seguir caminho por detrás da ostentação agitada sob a luz de candelabros das áreas públicas até às traseiras do edifício, onde o elevador de serviço, consideravelmente menos grandioso, a levou ao subsolo.

Quando as portas metálicas deslizaram ao abrir, revelaram um corredor de tijolo iluminado por uma fila de lâmpadas presas ao teto. O clangor distante de maquinaria e sonoras vozes animadas flutuaram na direção dela e um aroma curioso pairou no ar; o travo oleoso a indústria, mesclado com o odor a cigarros e trabalhos manuais. Harry esforçou-se por não franzir o nariz ao sair do elevador; era um contraste imenso com a ordem pacata, florida e com móveis envernizados dos escritórios dos pisos superiores e vacilou parte da sua determinação em mostrar ao Sr. Pemberton que não se retrairia. Mas, ela não nascera para fugir às dificuldades, embora estivesse bem ciente de que até então a sua vida não envolvera grande esforço. Uma vez mais, endireitou os ombros e partiu em busca do Sr. Babbage.

O corredor abriu para uma ampla sala retangular que era um turbilhão de ruído e confusão. Deixou-se ficar parada por uns momentos,

a interiorizar a enorme e ruidosa geringonça que dominava o centro da sala, mas cujo exato propósito não conseguiu definir de pronto; os homens com camisas em xadrez e sem casacos que se atarefavam em redor da mesma, a agitação, algazarra e nuvens de fumo de cigarro que deixavam toda a cena envolta numa névoa. Acima de tudo, reparou numa total ausência de mulheres a trabalhar. E, então, um dos homens reparou nela.

Parou e ficou a olhar, boquiaberto, como se nunca tivesse visto uma mulher. A sua súbita imobilidade captou a atenção do operário ao lado dele, que também parou para ficar a olhar, espantado. Os gritos estridentes começaram a esmorecer e, antes de Harry conseguir organizar as ideias para falar, todos os homens olhavam de uma forma que levou os pelos da nuca dela a eriçar.

— Precisa de alguma coisa, menina? — questionou um deles, dando um passo em frente e retirando a boina da cabeça. — Não é suposto estar cá em baixo.

Harry aclarou a garganta.

— Procuo o Sr. Babbage. Ele está disponível?

O sotaque dela, bem proferido e sempre adequado, soou estridente e horrivelmente deslocado sobre o tamborilar da maquinaria. O porta-voz franziu o sobrolho, mas virou-se e gritou por cima do ombro.

— Sr. Babbage? Está uma... uma senhora aqui a perguntar por si.

A porta de um gabinete lateral abriu-se e saiu de lá, apressadamente, um homem robusto de faces rosadas. Harry recordou de imediato um alegre gnomo de jardim, daqueles pelos quais a sua tia perdera a cabeça no verão anterior e espalhara pelos jardins de Abinger Hall até dar a impressão de que estavam a ser subjugados por homenzinhos animados. Ele estacou, arregalando os olhos ao ver Harry, até que se recompôs. Eriçando as sobrancelhas, avançou rapidamente.

— Albert Babbage. Em que posso ser-lhe útil?

O tom dele não era seco, mas também não se revelou particularmente cordial. Ainda assim, Harry enfrentou a inquirição sem vacilar.

— Apresento-me ao trabalho.

O Sr. Babbage ficou de boca aberta, sem disfarçar o espanto nas suas feições rosadas.

— Ao trabalho? *Aqui?*

Desconfortavelmente ciente da plateia que os observava, ela assentiu com a cabeça e retirou o envelope da bolsa.

— Talvez isto explique tudo.

Por momentos, o Sr. Babbage olhou para o retângulo branco e depois pareceu recordar onde estava. Olhou enfurecido para os homens em redor dele.

— Estão a olhar para onde? — disparou, com uma súbita, mas palpável, irritação. — Não têm o que fazer?

Sem exceção, todos regressaram ao que faziam e o Sr. Babbage devolveu a atenção a Harry com uma expressão de confusão.

— É melhor vir ao meu gabinete — disse ele, indicando a porta por onde acabara de aparecer. Só depois de ambos se sentarem, em lados opostos de uma pesada escrivaninha de carvalho, e de ele ter brindado Harry com outro olhar perplexo, é que o Sr. Babbage abriu o envelope e leu a missiva. Harry aproveitou a oportunidade para observar o ambiente — nas paredes viam-se panfletos relativos à sala do correio, alguns amarelecidos e rasgados devido à passagem do tempo, a par de cartazes sobre procedimentos e instruções. Num canto via-se um armário aberto, revelando fileiras consecutivas de chaves de latão brilhantes, todas devidamente etiquetadas. Havia um conjunto grande de balanças pousado num aparador. Ali, tal como na sala principal no corredor, Harry detetou o odor oleoso a metal e maquinaria. Sob o mesmo, jazia o odor entranhado a suor e trabalho árduo, e talvez um indício de tabaco.

Com um olhar sub-reptício através das janelas para a sala das máquinas do outro lado, Harry recordou a si mesma que esta era a tentativa de vingança de Simeon Pemberton. Tinha de ser superior a isso.

O Sr. Babbage ergueu o olhar.

— Lamento, mas isto não vai dar. Não vai dar de maneira nenhuma.

Harry arrastou o olhar desde um cartaz de segurança contra incêndios e incidiu a sua atenção nele, questionando-se quanto ao que sugeriria a carta.

— Não necessita de apoio no secretariado?

— Bem, não — bufou ele. — Quer dizer, sim, há uma vaga, mas não é... Não contava... — Interrompeu-se para olhar desamparado para ela e inspirou fundo. — Não podemos ter uma senhora com as suas... as suas credenciais a trabalhar aqui em baixo, menina White. Apenas um idiota o poderia ter sugerido.

Ela permitiu-se a um fugaz momento de diversão.

— Acho que nisso concordamos.

— Deve ter havido algum erro... uma falha de comunicação — prosseguiu o Sr. Babbage, franzindo o sobrolho a si mesmo. — Porque há trabalho a fazer, mas... — Interrompeu-se, fixando uma vez mais o olhar na carta, e depois espreitou para Harry e fungou. — Espere aqui. Não, pensando melhor, acompanhe-me.

Harry não largou propriamente um suspiro de alívio quando apanharam o elevador de serviço para o primeiro piso e regressaram à pacata elegância dos corredores que tão bem conhecia, mas sentiu a relaxar a sua tensão muscular. O Sr. Babbage encaminhou-a diante de uma série de portas fechadas até dar com a que pretendia. Indicando-lhe que aguardasse, desapareceu no interior, deixando-a a observar os painéis de madeira sem motivos decorativos sem fazer a mínima ideia de quem trabalhava lá dentro. Quando ele reapareceu, uns minutos mais tarde, parecia que lhe tinham retirado um peso dos ombros.

— Arranjei-lhe um gabinete — explicou, regressando por onde tinham vindo. — Ouso dizer que não é aquilo a que está habituada no quinto andar, mas será bem melhor do que tudo o que possa haver na sala do correio. — Espreitou de esguelha como se a medisse. — Sim, bem melhor.

Ele deveria estar a pensar que crime teria ela cometido, achou Harry, sentindo o leve fogo da indignação a aquecer-lhe as faces. Independentemente do que dissesse a carta do Sr. Pemberton, sabia que em nada se assemelharia à verdade.

— Que cargo vou ocupar? — quis ela saber.

O Sr. Babbage bufou.

— O Pemberton não lhe disse? É um cargo de secretariado, principalmente arquivar correspondência. Responder a cartas, esse tipo de coisas.

Ela franziu o sobrolho, recordando o ruído e caos da cave.

— Então, para quê enviar-me para a sala do correio?

— Realmente, porquê? — resmungou o Sr. Babbage. — Embora, estritamente falando, a correspondência não se relacione com os assuntos do banco, pelo que poderá ser por isso. Coisas e disparates, se quer saber a minha opinião, mas é da minha alçada, isso é certo. Só nunca soube o que lhe fazer e está a descontrolar-se.

Harry sentiu a sua testa a enrugar ainda mais. Cartas que não diziam respeito à Sociedade de Construção Abbey Road? Coisas e disparates? O que poderia significar isso?

— Ah, cá estamos — disse o companheiro dela ao chegarem a uma porta gasta imediatamente antes da esquina do corredor. Ostentava o número 221, mas a Harry assemelhava-se mais a um arrumo de vassouras. De qualquer modo, o Sr. Babbage enfiou uma chave na ranhura e empurrou a porta para espreitar. — Não se pode dizer que seja um luxo, mas vai sentir-se suficientemente confortável. — Abanou a cabeça. — Mais confortável do que lá em baixo, pelo menos.

Recuando, indicou a Harry que desse uma olhadela. Para lá da luz do corredor, a divisão estava mergulhada na escuridão. Tateou em busca de um interruptor no interior e deu-lhe um toque para cima, preenchendo o pequeno espaço com uma débil luz amarela proveniente de uma lâmpada no teto e percebeu que a sua primeira impressão provavelmente seria acertada — era praticamente um depósito de vassouras. Havia uma cadeira e uma secretária, com uma máquina de escrever a ocupá-la quase por completo. Havia um estreito armário de arquivo a um canto com um telefone preto abandonado em cima. Não havia janelas, claraboias, nem uma vista para o mundo exterior. As paredes estavam despidas, com uma ou outra mancha retangular a sugerir que poderá ali ter estado pendurado em tempos um quadro. Pelo menos, havia alcatifa, pensou Harry ao

entrar e afundar os tacões na lã carmesim. Não se teria surpreendido com tábuas do soalho à vista.

— Bem — disse o Sr. Babbage desde a entrada —, vou deixar que se instale. Um dos rapazes passa cá não tarda nada com o primeiro lote de cartas... Só precisa de datilografar uma resposta curta e depois arquivar o original com uma cópia da resposta.

Harry olhou fixamente para ele.

— Que tipo de carta? Como hei de saber o que responder?

O Sr. Babbage tossicou.

— Tudo se esclarecerá, menina White. Ligue lá para baixo assim que abrir umas quantas e podemos discutir uma resposta padrão. — O olhar dele mirou o dela e ela viu ali pena. — Temo que venha a ser um trabalho muito entediante. Entediante, mas necessário, por muito que sejam só coisas e disparates.

Quase inconscientemente, ela retesou-se.

— Sem dúvida que darei o meu melhor.

Ele abanou ao de leve a cabeça ao afastar-se.

— Ligue para o meu escritório quando estiver pronta. Até já, por ora.

Harry ficou por uns segundos a vê-lo partir, para a seguir voltar a observar a sala. Ao fim de um momento, encaminhou-se para a escrivaninha e passou os dedos sobre as teclas da máquina de escrever. Não tinham pó e a fita parecia nova. Sentou-se na cadeira, à escuta do silêncio. Não havia nenhum lugar no banco que pudesse ser considerado ruidoso — com a exceção da recém-descoberta cave, reconheceu Harry —, mas no quinto andar sempre se sentiu um discreto zumbido de fundo. O suave murmúrio de conversas nos gabinetes e corredores, o clac-clac-clac das teclas das máquinas de escrever, o som de sapatos de salto alto no chão de madeira polida e o toque do telefone. Mas neste canto aparentemente esquecido do edifício não havia sons. Podia ser a única pessoa ali presente.

As gavetas do armário de arquivo encontravam-se vazias. Harry pegou no telefone, escutou brevemente o som de marcação e depois suspirou e tamborilou com os dedos no metal do armário. O seu trabalho

anterior no banco não poderia ser descrito como interessante — os irmãos com frequência perguntavam-lhe como aguentava —, mas sempre se sentira discretamente satisfeita com um documento imaculadamente datilografado e rigorosamente arquivado, desfrutando do conhecimento de ser boa no que fazia apesar de não estar propriamente a esforçar-se. E também apreciava ganhar o seu dinheiro; a neta de um barão não tinha qualquer título a herdar e necessitava de percorrer o seu caminho no mundo. Por norma, tal fazia-se por via do casamento com um marido adequadamente rico, mas Harry não pretendia ser obrigada a aceitar tal emparelhamento. Então, o seu trabalho, apesar do torcer de nariz da família, era mais do que um simples emprego — era uma declaração de independência. E foi por isso que se mostrou determinada em não permitir que aquela súbita mudança a perturbasse.

Tudo iria correr bem, decidiu ela, e com cuidado retirou o chapéu. Sem ter onde o pendurar, e anotando mentalmente que teria de requisitar um bengaleiro, pousou o chapéu sobre o armário de arquivo e enfiou a mão na bolsa para pegar no romance de Agatha Christie de que desfrutara nessa manhã no comboio. Não tinha por hábito ler no horário laboral no banco, mas o que mais havia ali para fazer?

Decorreu quase uma hora até Harry escutar o chiar de uma roda no corredor. Seguiu-se uma batida à porta. Ela baixou o livro.

— Entre.

Lentamente, a porta foi empurrada e um jovem espreitou para ela, envergando a habitual farda vermelha e dourada dos paquetes do banco. Harry não reconheceu o rosto amigável e sardento, mas isso não era surpreendente; enquanto secretária pessoal do Sr. Pemberton não lhe coubera lidar com a correspondência.

— Tenho aqui um saco de correio — disse o jovem, apontando vagamente para o trólei de latão reluzente atrás de si. — Onde o quer?

Harry quase se riu. O gabinete mal dava para a mobília que continha — não havia muitos lugares onde ele pudesse deixar o saco. Mas, conteve a diversão e apontou para o canto à sua esquerda.

— Ali, por favor.

Observou-o com indisfarçada curiosidade enquanto ele levantava o saco de serapilheira do trólei e o pousava na alcatifa. Estava cheio, como sugeriu o seu grunhido de esforço, e uma vez mais Harry deu por si a questionar-se quanto à natureza das missivas lá contidas. Coisas e disparates, referira o Sr. Babbage, mas o mero volume daquilo baralhou-a. De quem eram todas aquelas cartas, se não pertenciam ao banco? E quem as teria enviado?

— Estão aqui todas — informou o rapaz do correio, coçando sob o seu chapéu com rebordo de brocado com o ar animado de quem concluiu a sua tarefa. — Pelo menos, por agora. Mas penso que a senhora agora será passagem regular na minha rota de entregas, dada a quantidade de gente que lhe escreve.

As palavras serviram apenas para deixar Harry ainda mais desconcertada, mas lá conseguiu mostrar um sorriso educado.

— Então, suponho que mais vale apresentar-me. Sou a menina White.

— Como vai? A maioria das pessoas trata-me por Bobby — respondeu o jovem.

O olhar dele deambulou pela divisão, observando a lâmpada despida e solitária e a ausência de decoração com um silêncio pensativo até o seu olhar incidir no romance pousado na secretária aberto com a capa para cima.

— Gosta desse tipo de livros? Histórias de detetives e isso?

Harry assentiu com a cabeça.

— Sim, gosto.

Bobby pareceu satisfeito consigo próprio, como se tivesse resolvido um quebra-cabeças.

— Deve ter sido por isso que lhe deram este cargo. — Sacudiu-se um pouco e recuou para o corredor. — Então, adeusinho. Provavelmente, vemo-nos amanhã.

A chiadeira do trólei recuou, deixando Harry sozinha a fitar o volumoso saco. Nada daquilo fazia sentido — o que teria que ver com aquilo o seu gosto por literatura? Mas, pelo menos passara a ter algo que fazer. Levantando-se, deu os passos necessários para atravessar a sala e afastou o tecido castanho áspero.

O saco encontrava-se repleto de envelopes, de todas as formas e feitios, em tons variados e sem dúvida de várias qualidades. Em alguns, a letra era cuidada, um sarrabisco desajeitado noutras, mas o nome e endereço em cada missiva era uma variação do mesmo tema:

*Sr. Sherlock Holmes
221b Baker Street
Londres*

Com o espanto, Harry ficou espedada e boquiaberta. Esperava tudo menos um saco repleto de cartas destinadas a... bem, a alguém que não existia. Ainda assim, não estavam endereçadas incorretamente, nem tinham sido mal entregues: a sede da Sociedade de Construção Abbey Road ocupava os números 219 a 229 da Baker Street, abarcando inegavelmente a morada ficcional de Sherlock Holmes. Mas, certamente, as pessoas não lhe escreviam. Certamente compreendiam que as suas cartas não seriam lidas... Ainda com os olhos a piscar, Harry pegou em algumas cartas do topo da pilha deslizante e levou-as até à secretária. Abriu o primeiro envelope e começou a ler.

*Sr. Sherlock Holmes
221b Baker Street
Londres
NW1 6XE*

*43 Myddelton Road
Sandy
Bedfordshire*

13 de abril de 1932

*Estimado Sr. Holmes,
Escrevo-lhe para pedir ajuda com um crime terrível. A polícia tem sido absolutamente inútil e não sei mais o que fazer. Creio que, no mês passado, o meu vizinho assassinou cruelmente a sua esposa na calada da noite, mas*

ninguém me ouve. Estou certo de que um homem tão brilhante como o senhor verá a verdade de imediato. Por favor, conceda-me uma reunião para que o assassino seja detido e para que seja feita justiça.

Aguardo a sua resposta.

Atentamente,

Sr. Benjamin Grantly

Harry bufou, questionando-se se o Sr. Grantly perdera a esperança de receber uma resposta, dado que escrevera a carta há seis meses, ou se o seu vizinho ainda estava sob suspeita. Pousando a carta, abriu a próxima. Esta era da menina P. Bellows, a dona consternada de um gato desaparecido, que afirmava ser vítima de ladrões internacionais de animais de estimação. Outro remetente acusava o pastor local de desviar fundos da igreja. Muitos relatavam avistamentos do arqui-inimigo de Holmes, o professor James Moriarty, em locais que iam desde Dover a Aberdeen. Enquanto o seu olhar incrédulo passava por cada apelo, Harry estava certa de algo: poucos daqueles alegados crimes seriam de interesse para o grande Sherlock Holmes.

Bufando uma vez mais, Harry empilhou as folhas cuidadosamente. Compreendeu, então, por que motivo o Sr. Babbage comentara que a correspondência não estava propriamente relacionada com o banco. Era evidente que se deixara acumular as cartas, um problema de pouca importância que era mais fácil de ignorar, até o volume o tornar impossível. Algo tinha de ser feito para lidar com aquilo. *Alguém* tinha de lidar com aquilo e, por mais improvável que fosse, parecia que Harry era esse alguém. Era bem diferente do que esperara quando chegara ao trabalho nessa manhã.

Carregando o pesado telefone preto até à secretária, consultou a lista de contactos interna que encontrou numa gaveta e descobriu a extensão da sala do correio. O Sr. Babbage atendeu ao quinto toque e grunhiu quando Harry se apresentou.

— Suponho que agora já tenha uma melhor ideia quanto ao seu trabalho.

— Sim, tenho — confirmou Harry. — Contudo, devo dizer que a correspondência é um pouco... insólita.

Houve um riso seco.

— Simplesmente absurda, na minha opinião. Começou a chegar mal abrimos portas. Demos uma vista de olhos a algumas cartas, pensando que se destinavam ao Sir Arthur Conan Doyle, mas rapidamente percebemos... bem, francamente, que era problema nosso, e não dele. Um dever que vem com o território da Baker Street, por assim dizer.

Harry atentou na caligrafia tremida na folha à sua frente, e depois desviou o olhar para o saco pousado contra a parede do escritório. Aquelas cartas não eram escritas em admiração pelo autor das histórias de Sherlock Holmes, mas sim em reconhecimento do próprio Sr. Holmes. Todos os correspondentes acreditavam plenamente que o detetive era uma pessoa real, de carne e osso, e que resolveria os seus mistérios. Todos tinham pegado numa caneta, alguns frustrados, outros desesperados, com a esperança e a expectativa de que Sherlock Holmes atenderia ao seu pedido de ajuda. O Sr. Babbage tinha razão, uma resposta era claramente necessária — uma que fosse compreensiva, mas firme — e isso era algo que Harry não imaginava a vir do Sir Arthur Conan Doyle, dado que, infelizmente, o grande homem já falecera há vários anos.

— Sim, compreendo o que quer dizer — assegurou ela, com o seu destino repentinamente a estender-se à sua frente. — Há tantas cartas.

O Sr. Babbage pareceu hesitar, e então acrescentou animadamente:

— Vai controlar a situação rapidamente. Como já lhe disse, precisa apenas de preparar uma resposta breve e metê-la no correio, depois arquiva as cópias e passa à próxima.

— O que é suposto eu dizer? — questionou ela, levantando a primeira carta da pilha e passando os olhos pelas palavras esperançosas. — E de quem deve ser a resposta? Do banco?

Mais uma vez, houve uma pausa por parte do Sr. Babbage.

— Não, do banco não. De Sherlock Holmes... da *assistente* de Sherlock Holmes. — Soltou uma risada de incerteza. — Que é a menina.

Harry questionou-se se ainda estaria a dormir e a sonhar, não pela primeira vez nessa manhã.

— E o que deve constar na resposta? Dado que vamos manter a farsa de que ele realmente existe.

Houve um suspiro do outro lado da linha.

— Não sei. Diga-lhes que ele faleceu... Não, não lhes diga isso, pode meter-nos em sarilhos legais. — Ele silenciou-se, pensando. — Diga que, de momento, não está a aceitar novos casos. Sim, isso funciona.

Harry refletiu sobre o que sabia do caráter de Sherlock Holmes, tendo lido e apreciado as histórias escritas acerca dele, e então recordou o tom de aflição em algumas das cartas.

— Não estou certa de que isso vá funcionar — alertou. — Holmes afirma sempre que não está a aceitar casos novos, até que surge algo interessante e assim começa a sua investigação. Vão simplesmente escrever de novo, ainda mais desesperados.

— Então, seja firme — declarou o Sr. Babbage, começando a soar exasperado. — Diga-lhes que ele se reformou, que vive no campo, e que já não se interessa por crimes. Diga-lhes que tem um novo passatempo como... tocar sinos, ou jardinagem, algo assim.

Mais uma vez, surgiu na mente de Harry a imagem familiar de Sherlock Holmes, com o seu típico chapéu, e tentou imaginá-lo a entregar-se com entusiasmo ao ato bucólico de tocar sinos.

— Não me parece...

— Arranjará alguma coisa, menina White — interrompeu jovialmente o Sr. Babbage. — Quanto mais cedo começar, melhor todos nos sentiremos, não acha? Adeus por agora.

Harry fitou o auscultador silencioso do telefone, até que o pousou e voltou a guardar o aparelho em cima do arquivo. Permaneceu imóvel por um instante, refletindo, pela que parecia ser a centésima vez, em como chegara àquele ponto, e depois deu um súbito abanão à sua mente. Simeon Pemberton encaminhara-a para ali, sem dúvida com a esperança de que se recusasse a descer ao nível de algo tão ridículo, e ela não lhe daria a satisfação de ter razão. Além disso,

havia um trabalho por fazer — não era glamoroso, nem vistoso, mas não deixava de ser um trabalho. Aquelas cartas precisavam de uma resposta amável e tranquilizadora que recusasse gentilmente o pedido do remetente, e isso era algo que Harry podia providenciar com a sua habitual, e calma, eficiência.

Por fim tomando uma decisão, pegou na carta no topo da pilha destinada a Sherlock Holmes, alisou-a sobre a secretária e releu-a por alto para refrescar a memória. A sua testa franziu ligeiramente enquanto decidia como frasar a resposta perfeita. Retirou da gaveta da secretária uma folha de papel químico azul e encaixou-a entre duas folhas de papel de carta. Enrolando as três folhas cuidadosamente na máquina de escrever, alinhou o carroto e, lançando um último olhar decisivo à morada na carta, começou a escrever.

2

Ao longo das semanas seguintes, rapidamente se tornou claro para Harry que menosprezara bastante a monotonia entorpecedora do seu novo cargo. Ao fim do primeiro dia, levantara-se da sua secretária às 16h00 em ponto para vestir o seu casaco e pegar no seu chapéu, parando junto à porta para analisar a pilha ordenada de cartas respondidas na secretária, escolhendo ignorar o saco de correio ainda cheio no canto. Ao fechar a porta, o número nela marcado chamou-lhe a atenção — parecia que alguém tinha sentido de humor —, mas ela girara a chave na fechadura com extremo cuidado e dirigira-se ao rés do chão, onde sorria a Patrick, o porteiro, apanhando de seguida o metro da Baker Street até Piccadilly.

Ela não tivera dúvidas de que encontraria a obra completa de Arthur Conan Doyle entre o labirinto de prateleiras e pilhas da excelente Biblioteca de Londres na St James's Square, e não saíra desiludida; a biblioteca disponibilizara-lhe os exemplares originais da revista *The Strand*, na qual muitas das histórias de Sherlock Holmes apareceram pela primeira vez, e ainda os exemplares encadernados a couro das cinco coletâneas de contos que se seguiram para alimentar o apetite do público pelas aventuras do detetive. Com os braços a doer um pouco devido ao peso das compilações, Harry regressara ao seu pequeno apartamento em Mayfair, jantara apressadamente

uma empada de carne e passara o resto da noite imersa em crimes engenhosos.

De manhã, regressara ao escritório e datilografara de novo as cartas que escrevera no dia anterior, pois o próprio Arthur Conan Doyle lhe dera a história de disfarce perfeita — em *O Último Adeus de Sherlock Holmes*, referira que Holmes se aposentara em South Downs para se dedicar à apicultura. Claramente, a sugestão do Sr. Babbage não fora tão disparatada como Harry supusera.

Mas, depois de se instalar para realizar a sua tarefa, a monotonia começou a desanimá-la. As cartas em si eram muitas vezes divertidas, ou até loucas e ridículas. Tendo renovado a sua familiaridade com Holmes através dos livros que requisitara da biblioteca, não conseguia evitar imaginar a sua reação àquelas solicitações dos seus serviços. De vez em quando, deparava-se com uma que lhe chamava a atenção e a levava a questionar se teria dado uma boa aventura de Sherlock Holmes ou como o detetive a teria resolvido. Contudo, nunca variava a sua resposta.

Agradeço o seu pedido. Infelizmente, o Sr. Holmes já não se encontra disponível. Aposentou-se do seu trabalho enquanto detetive e tem vivido nos últimos anos em Sussex, onde é um apicultor deveras respeitado.

Lamento não poder ser mais prestável, mas desejo que lhe corra tudo bem no que toca a este assunto penoso.

Atentamente,

R. K. Moss

Assistente de Sherlock Holmes

De início, considerara usar o seu próprio nome para assinar as cartas, mas suspeitou que o banco — ou pelo menos o Sr. Pemberton, se alguma vez viesse espreitar — poderia considerar isso como uma grave impertinência. A sua ideia seguinte foi usar uma das personagens femininas secundárias de Conan Doyle como pseudónimo, mas isso parecia tanto desrespeitoso como imprudente — era bastante provável que aqueles que escreviam a Sherlock Holmes fossem fã

entusiásticos do mundo habitado pelo famoso detetive. Reconheceriam um nome roubado a uma história e muito possivelmente escreveriam de novo a exigir uma explicação.

Após alguma deliberação, Harry optou por algo recorrente em muitos romances de mistério — o anagrama. As letras do nome de Sherlock Holmes deram-lhe algumas hipóteses que não pareceriam deslocadas numa das suas próprias histórias: Heckler Shloom parecia um homem de negócios americano e abastado a ser chantageado pela sua amante. Horses Hemlock lembrava-a um corretor de apostas duvidoso com ligações nefandas. O único nome com um pouco de credibilidade era Rochelle K. Moss, que abreviou para R. K. Moss para disfarçar ainda mais. Contudo, após aquele rasgo inicial de criatividade terminar, a realidade de datilografar as mesmas palavras uma e outra vez, dia após dia, causou-lhe um pesado desânimo. Nem sequer tinha colegas para lhe aliviar o aborrecimento — as visitas diárias de Bobby e do seu trólei do correio providenciavam uma breve pausa na solidão, mas, na maior parte do tempo, era só Harry e o fluxo interminável de cartas.

À medida que as semanas passavam, começou a questionar se a sua determinação de se manter firme seria despropositada. E então, numa manhã de terça-feira, abriu o envelope que mudou tudo.

A primeira coisa que despertou a curiosidade de Harry foi a morada do remetente. A aldeia de Foxley ficava a menos de dez quilómetros da propriedade da sua família em Surrey, e, embora as suas casas e lojas não fossem albergadas pelas terras de Abinger, sabia que vários membros do pessoal doméstico e de jardinagem eram de lá oriundos. Também tinha um bar muito agradável de que os irmãos de Harry falavam bem, e uma excelente equipa de críquete. Toda esta informação passou pela mente de Harry quando viu a morada. Qual dos habitantes de Foxley poderia estar a escrever a Sherlock Holmes? E, ainda mais importante, porquê?

De sobrolho franzido, analisou a caligrafia elegante e descobriu que a carta era de uma menina E. Longstaff, do n.º 5 das Casas de Campo. A menina Longstaff escrevia em nome da sua família sobre

o assunto delicado da sua irmã de 18 anos, Mildred, que se mudara para Londres para trabalhar enquanto criada, mas que desaparecera sob circunstâncias misteriosas.

A polícia não tem servido de nada. Um anúncio no jornal a oferecer uma recompensa modesta apenas atraiu os piores impostores e mentirosos, nenhum dos quais conseguiu provar que vira a Mildred. Imploro-lhe, Sr. Holmes, que use as suas capacidades formidáveis para a encontrar. Ela é uma rapariga do campo gentil, trabalhadora e diligente, com a mais correta das condutas. A cada dia que passa, cresce o meu medo de que algo terrível lhe tenha acontecido. Por favor, ajude-nos. Não sei a quem mais recorrer.

A expressão no rosto de Harry tornou-se ainda mais séria ao atentar na carta. Estava bem escrita, numa caligrafia cursiva em laço, com uma ortografia perfeita e uma compreensão excelente da língua e da gramática: quem quer que a menina E. Longstaff fosse, aparentava ter gozado de uma educação que ia muito além da típica escola de aldeia. E, se tudo o que afirmava fosse verdade, precisava urgentemente de ajuda. Então, por que motivo escolhera recorrer a um homem que não existia? Não fazia sentido algum para Harry, que, tal como muita gente, apreciava um romance de crime, mas sem nunca se deixar enganar achando que os detetives que admirava eram reais. E, ainda assim, a menina Longstaff não estava sozinha. As cartas que Harry passava os dias a responder eram prova disso.

O papel e o envelope proporcionaram algumas pistas adicionais sobre a remetente, sendo pouco dispendiosos, mas perfeitamente adequados. Já passara mais de um mês desde a data abaixo da morada, e, ao examinar o envelope, Harry viu que o selo era do mesmo dia, o que realçava a urgência por parte da menina Longstaff. Não era surpreendente após a revelação de que a família temia pela rapariga desaparecida. Contudo, já passara bastante tempo — talvez, entretanto, a tal Mildred tivesse aparecido sã e salva. Quase de certeza que aparecera, disse Harry a si mesma ao enrolar uma nova folha na

máquina de escrever — a sua tia não se queixava constantemente da inconstância das criadas?

Os seus dedos dobraram-se ao preparar-se para datilografar a resposta padrão. Pousou-os sobre as teclas, levantou-os um pouco para os deixar voar, e parou para observar pensativamente a caligrafia enrolada. Não havia mesmo forma de saber se a irmã da menina Longstaff fora encontrada, a não ser perguntando, o que era impossível. Mas havia a possibilidade de a menina Longstaff ter escrito novamente, ainda mais desesperada, e essa carta poderia estar à espera na pilha de envelopes que Harry organizara por datas já há algum tempo, prontos a serem analisados metodicamente. Afastando a sua cadeira, Harry levantou-se e selecionou os dois conjuntos mais antigos, presos por elásticos, e levou-os até à secretária. Verificou todos os envelopes, comparando a caligrafia e o selo em cada um com os da carta da menina Longstaff, mas nenhum correspondia à letra nem ao distrito postal carimbado cuidadosamente acima da morada de Baker Street.

Sem se deixar desencorajar, Harry passou para o conjunto seguinte, e o seguinte. Quando chegou à pilha final, onde todos os envelopes apresentavam um carimbo postal datado da semana anterior, sentiu-se cada vez mais segura de que a sua suposição original estava correta — a menina Longstaff e a sua irmã reencontraram-se. Até que reconheceu uma caligrafia familiar num envelope recente e por abrir. Podia não ser outra súplica, disse Harry a si mesma ao pegar no abre-cartas. Mildred poderia ter sido encontrada e a conscienciosa menina Longstaff estava simplesmente a informar o Sr. Holmes de que os seus serviços já não eram necessários.

Mas, no fundo, Harry achava-o improvável; se a rapariga tivesse aparecido, a menina Longstaff provavelmente ter-se-ia esquecido de que escrevera a Sherlock Holmes. E a sua suspeita foi confirmada de imediato. A carta implorava por ajuda — a preocupação da família corroía todos. Não eram abastados, mas estavam dispostos a pagar qualquer valor que o Sr. Holmes pedisse para saberem de Mildred. O desespero cobria a página, tocando o coração de Harry, apesar de saber que não havia nada que pudesse fazer para ajudar. Sherlock

Holmes não poderia nem iria ser convencido a investigar, porque não existia. Com um resmungo de frustração que nem pareceu seu, Harry preparou uma vez mais as suas mãos sobre as teclas da máquina de escrever e começou a datilografar.

Nessa noite, pouco descansou. Os seus sonhos foram interrompidos por vislumbres de uma rapariga fantasma, que a levava numa tentadora perseguição pelos pontos mais marcantes de Londres, sempre perto, mas, de alguma forma, fora de alcance. Quando Harry despertou repentinamente por volta do amanhecer, desistiu de tentar adormecer outra vez e ficou deitada a observar o teto, enquanto pálidas faixas de amarelo se estendiam pelo alabastro. Nos seus sonhos, não era Sherlock Holmes quem procurava por Mildred Longstaff, mas sim a própria Harry, uma ideia tão absurda que Harry poderia ter rido, se não estivesse tão perturbada. Ainda assim, isso era o que o seu cérebro parecia exigir, apesar do ridículo da tarefa, e as repercussões dos sonhos eram difíceis de afastar.

Por fim, Harry levantou-se e atravessou a cidade ainda adormecida até à Baker Street, chegando cedo para mergulhar na monotonia do trabalho. Mas isso só pareceu piorar a situação — não conseguia parar de pensar na menina Longstaff e nos seus pais, observando silenciosamente a porta todos os dias, à espera de notícias da sua última grande esperança. Ao fim de algum tempo, Harry pegou na carta padrão que datilografara para a menina Longstaff no dia anterior e contemplou-a por bastante tempo. Talvez pudesse ligar — mas não, era uma loucura sequer pensar nisso. A família queria o génio do melhor detetive do mundo, não lugares-comuns de um membro da aristocracia local. Não tinha como ajudar. A não ser...

A ideia era tão audaciosa, traía tanto a confiança que o banco depositara nela, que Harry se sentiu zozza só de pensar nisso. Apesar disso, persistiu na sua cabeça, crescendo até ela ter de lhe dar algum espaço. Era uma verdade incontestável que Sherlock Holmes não poderia descobrir o paradeiro de Mildred Longstaff, mas isso não significava que nada pudesse ser feito. E se Harry procurasse informações

sobre a rapariga desaparecida e as comunicasse aos Longstaff, sob o disfarce de Holmes?

Deu um abanão à sua mente. Isso nunca funcionaria — ela nem sequer era um homem, muito menos a ideia que alguém teria de um detetive competente. Mas o Sr. Babbage nomeara-a assistente de Sherlock Holmes. O que a impedia de tomar algumas liberdades com o título e responder à menina Longstaff nessa qualidade? Poderia solicitar mais informações, investigar algumas coisas no seu tempo livre e ver o que conseguia descobrir. Ninguém no banco precisava de saber. Afinal, ninguém iria propriamente verificar o trabalho dela — além de Bobby e do Sr. Babbage, ninguém parecia lembrar-se de que ela se encontrava ali.

Enrolando outro maço de folhas na máquina de escrever, Harry sentou-se e permaneceu imóvel por vários minutos. A dificuldade era a urgência da situação. Mildred já estava desaparecida há quase dois meses e a correspondência entre a família Longstaff e Holmes para reunir mais detalhes poderia demorar semanas. Harry era esperada em Abinger Hall nesse fim de semana... E se fizesse uma viagem à aldeia de Foxley e se apresentasse à menina Longstaff como assistente de Sherlock Holmes? Poderia colocar questões sobre a família, talvez até pedir uma fotografia de Mildred... seria uma abordagem muito mais eficiente do que escrever e aguardar uma resposta. E poderia fazer tudo isso sob o disfarce de R. K. Moss — ninguém precisava de conhecer a sua verdadeira identidade. Por fim resoluto, Harry começou a escrever.

Quarta-feira, 5 de outubro de 1932

Querida menina Longstaff,

Agradeço as suas recentes cartas ao Sr. Holmes relativas à sua irmã, Mildred. Infelizmente, o Sr. Holmes já não se encontra disponível. Aposentou-se do seu trabalho enquanto detetive e tem vivido nos últimos anos em Sussex, onde é um apicultor deveras respeitado.

Contudo, solicitou-me que investigasse no lugar dele e que partilhasse qualquer descoberta com ele, de forma a tentar localizar a sua irmã. Portanto, visitá-la-ei às 14h00 de sábado, 8 de outubro, em sua casa.

O Sr. Holmes está disposto a ajudar e pediu-me que lhe assegurasse que não haverá custos. Aguardo ansiosamente por vê-la.

Atentamente,

R. K. Moss

Assistente de Sherlock Holmes

Harry releu a carta várias vezes após terminar, analisando com ansiedade o seu tom. Tentara aproveitar a arrogância característica de Holmes para superar a falta de educação ao exigir uma reunião com tão pouca antecedência — não havia tempo para permitir que a menina Longstaff escrevesse de volta. Seria a reputação por brusquidão de Holmes, combinada com a inquestionável gratidão da família por receber a sua atenção, suficiente para permitir que Harry passasse da porta? O tempo o diria, supôs. A ausência de custos ajudaria — em primeiro lugar, não fazia ideia do tipo de assistência que poderia verdadeiramente proporcionar, e em segundo lugar suspeitava que aceitar qualquer tipo de pagamento em nome de uma personagem fictícia poderia ser considerado fraude. Achou que seria melhor evitar isso por completo. Mas ainda demorou até à hora do almoço a ganhar coragem para acrescentar o envelope à pilha dos restantes que em breve seriam recolhidos por Bobby para serem processados na sala do correio. E precisou de toda a sua força para não correr atrás dele assim que o levou, assobiando alegremente ao seguir pelo corredor.

Olhou por muito tempo para a porta fechada, questionando se cometera um erro terrível. Por fim, arquivou a sua cópia da carta padrão com todas as outras respostas padrão que enviara até então, escondeu a carta de R. K. Moss dentro de uma pasta no fundo do arquivador e abriu o envelope seguinte.